

Texto: Kelsen Bravos
Ilustrações: Carlus Campos

Serelepe e Bem-me-quer



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
*Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura*



Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Francisco José Pinheiro

Secretária da Educação
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário Adjunto
Maurício Holanda Maia

*Coordenadora de Cooperação
com os Municípios*
Márcia Oliveira Cavalcante Campos

Autor
Kelsen Bravos

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Marta Maria Braide Lima
Leniza Romero Frota Quinderé
Haristelma Maria de Almeida Moreira
Sammya Santos Araújo

Organização e Coordenação Editorial
Kelsen Bravos da Silva

Preparação de originais
Lidiane Maria Gomes Moura

Projeto, Diagramação e Coordenação Gráfica
Daniel Diaz

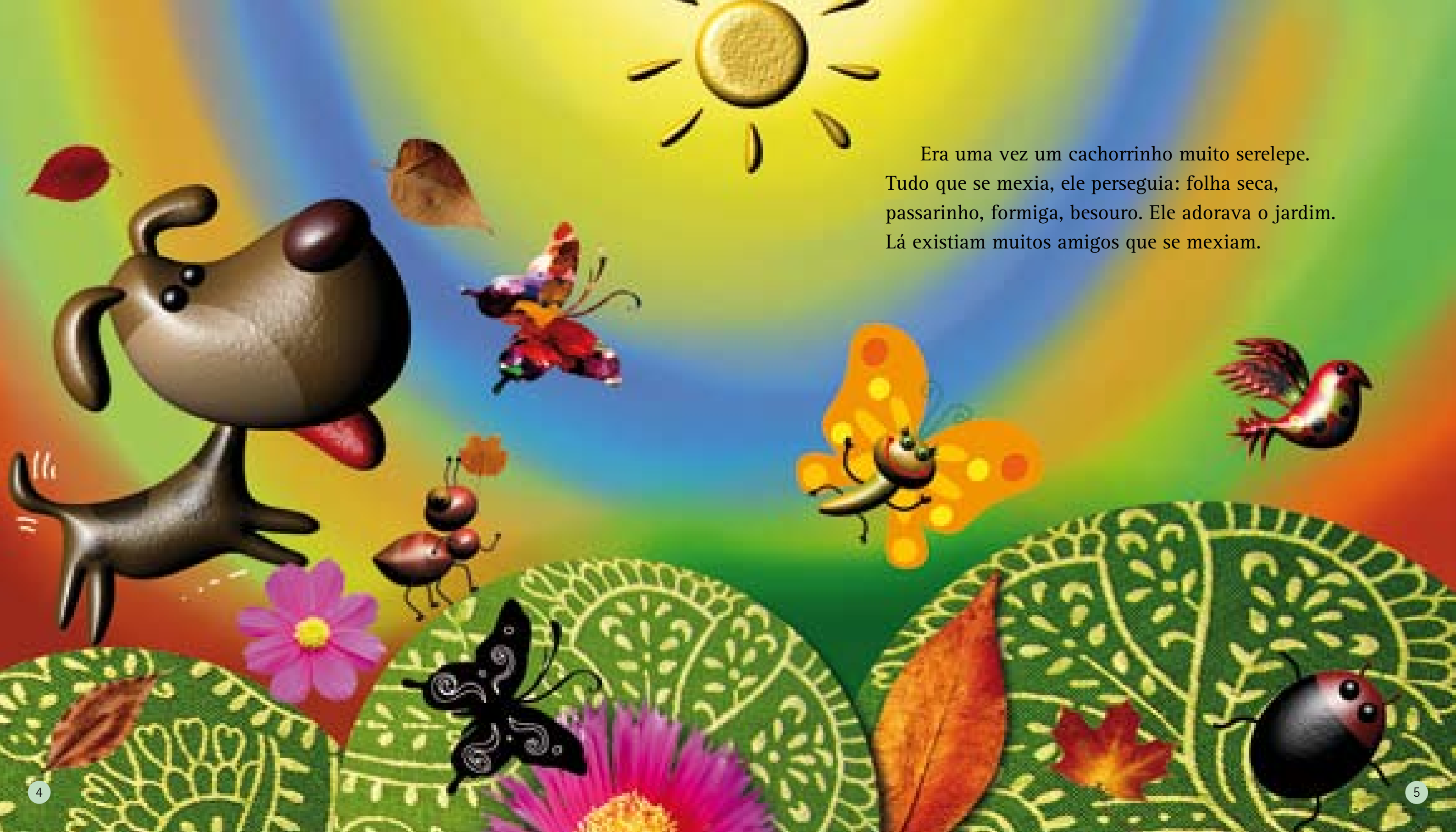
Revisão
Marcus Túlio Dias Monteiro
Kelsen Bravos da Silva
Marta Maria Braide Lima
Haristelma Maria de Almeida Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387s
Ceará. Secretaria de Educação.
Serelepe e bem-me-quer / Kelsen Bravos; ilustrações de Carlus Campos. – Fortaleza:
SEDUC, 2008.
24p.; il.
ISBN: 978-85-62362-03-3
1. Lendas. 2. Fábulas. 3. Contos. 4. Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5
CDU 37+028.1(813.1)

A meu pai, Francisco Pereira da Silva,
menino intemorato de 80 anos,
serelepe “pinga-fogo” brincalhão.
Amigo de todas as horas
a quem sempre peço a bença.



Era uma vez um cachorrinho muito serelepe.
Tudo que se mexia, ele perseguia: folha seca,
passarinho, formiga, besouro. Ele adorava o jardim.
Lá existiam muitos amigos que se mexiam.

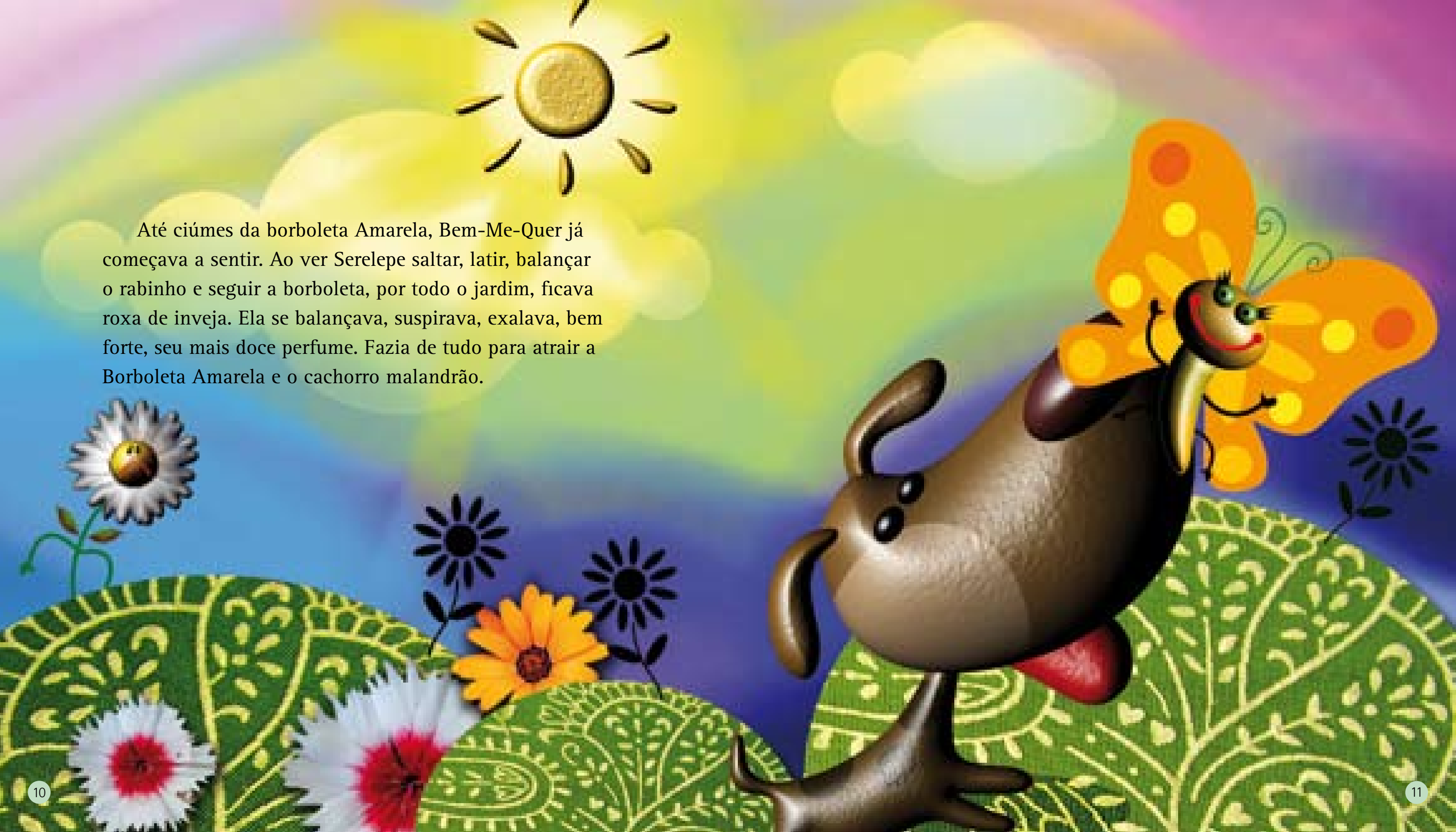
No jardim, vivia uma linda flor chamada Bem-Me-Quer. Ela pouco se mexia. Vivia a admirar as próprias pétalas. Achava-se a mais linda, a mais importante e a mais cheirosa de todas as mais lindas, cheirosas e importantes pessoas, coisas e plantas do mundo. Para ela, aquele cachorro serelepe era um implicante. Bastava aparecer para sua tranquilidade acabar.



Mas o jeitão alegre do Serelepe era contagiante. No dia que ele não aparecia, todos sentiam sua falta. Até mesmo Bem-Me-Quer, mas é claro que ela fazia questão de demonstrar o contrário. Se o cachorrinho sumia um dia, ela ficava triste. Quando ele voltava, ela fazia de conta que nem ligava, embora, por dentro, estivesse muito feliz.



Até ciúmes da borboleta Amarela, Bem-Me-Quer já começava a sentir. Ao ver Serelepe saltar, latir, balançar o rabinho e seguir a borboleta, por todo o jardim, ficava roxa de inveja. Ela se balançava, suspirava, exalava, bem forte, seu mais doce perfume. Fazia de tudo para atrair a Borboleta Amarela e o cachorro malandrão.



Numa bela tarde, Serelepe fez a maior bagunça no jardim. Correu para lá e para cá, o tempo todo. Escavou ali, focinhou aqui. Mordeu a torneira e puxou a mangueira até conseguir espalhar água por todo o lugar.

Rolou-se nas poças de água e espalhou lama por todo o jardim. Até que, numa dessas, encontrou um fio de rede elétrica.

Já começava a morder o fio como se fora a um osso, quando Bem-me-quer gritou aflita: — Serelepe, não faça isso! Você vai levar um choque e pode até morrer.

Todo o jardim se surpreendeu com a atitude de Bem-me-quer. Logo ela, para quem o mundo parecia menor do que sua corola.

Serelepe pensou que ela queria debochar dele e continuou a roer o fio.

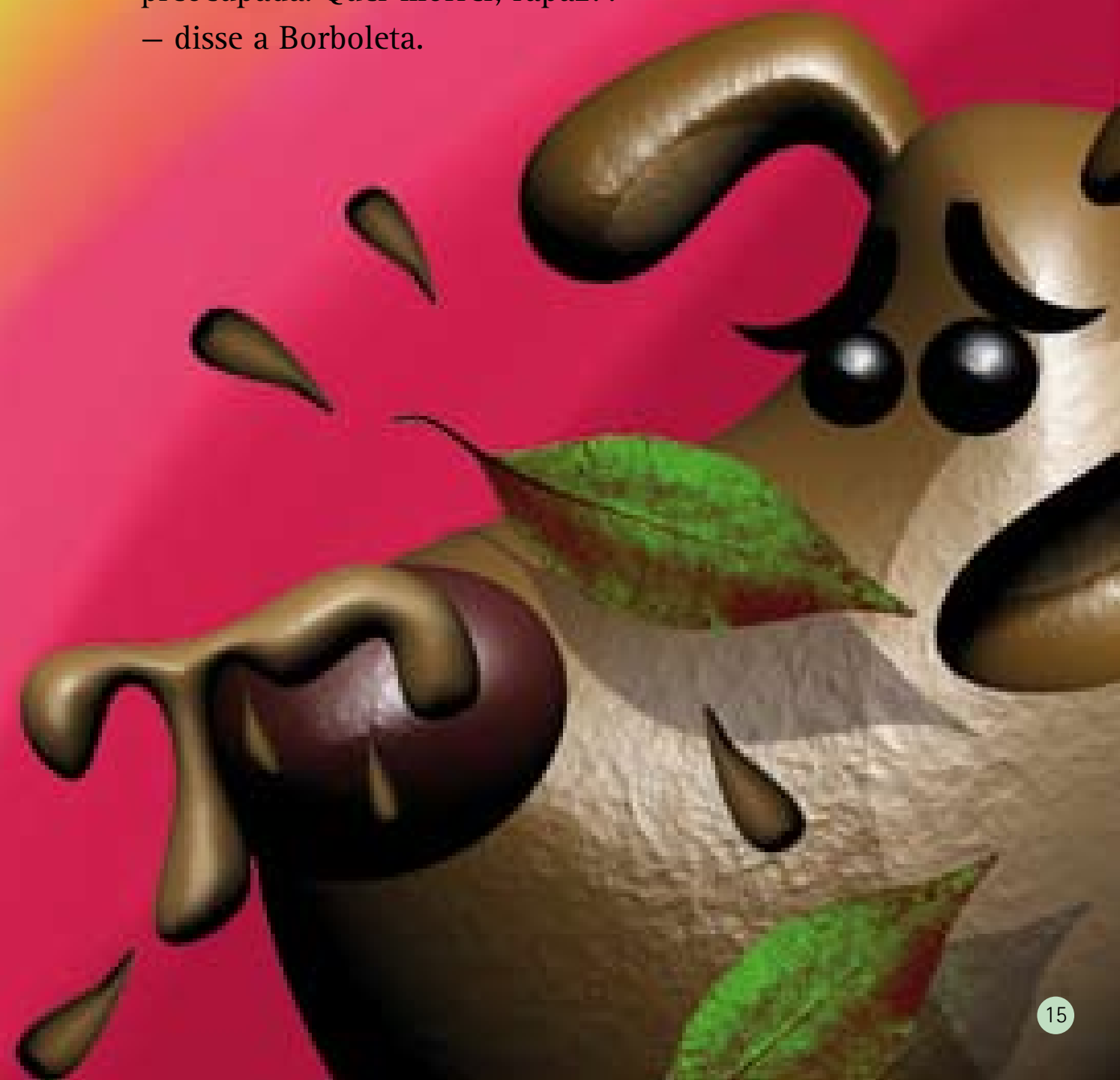
Daí a florzinha suplicou a Borboleta Amarela:

– Não deixe Serelepe morder o fio.

Quando viu o perigo, a Borboleta voou bem perto do focinho de Serelepe. Ele, com a língua de fora, saltitou em direção a ela.



– Seu malandrão, você hoje abusou na bagunça. O jardim está um lamaçal só. Agora queria morder um fio da rede elétrica! Até Bem-Me-Quer ficou preocupada. Quer morrer, rapaz?!
– disse a Borboleta.



– Ela estava falando sério?! Então Bem-Me-Quer não me quer mal. Ela me quer bem!!! – falou já correndo para perto de plantinha.



– Que bom você ter atendido ao aviso dessa Amarela, seu maluco. Você é um cachorro muito chato, bagunceiro e teimoso; mas faz uma falta danada. – disse a flor.

– Eu sabia que você gostava de mim, sua florzinha banqueira. Vocês estão preocupadas à toa. Eu sei muito bem o que estou fazendo, viu? – debochou das amigas e sacudiu o corpo espalhando lama nelas.





O sabichão foi lá mexer no tal fio. Chegou devagar, encostou o focinho e pimba! Levou um tremendo choque. Saiu gritando caincaincaim, com o rabo entre as pernas. Rolou no chão, esfregou o focinho e nada da dor passar. Correu casa adentro e sumiu. Dias e dias se passaram e nada de Serelepe aparecer.

O jardim ficou uma tristeza sem a presença daquele bagunceiro engraçadão. Bem-Me-Quer já estava morrendo de saudade. Seu cheiro quase nem se sentia mais. A beleza das pétalas de sua corola estava murchando.

A Borboleta Amarela foi procurar Serelepe. Encontrou o cachorrinho deitado. Suas patas sobre a cabeça tampavam os olhos, com as próprias orelhas. Era vergonha em forma de cachorro.

Ao vê-lo tão para baixo, a borboletinha disse que errar todo mundo erra. Que devemos aprender com os próprios erros. Tomara que tenha aprendido a ouvir os conselhos de quem o ama. E avisou:

– Bem-Me-Quer está muito mal, talvez nem veja a luz do novo dia!... Volte ao jardim, antes que seja tarde demais.

Preocupado, Serelepe correu para o jardim.

– Bem-Me-Quer! Bem-Me-Quer!



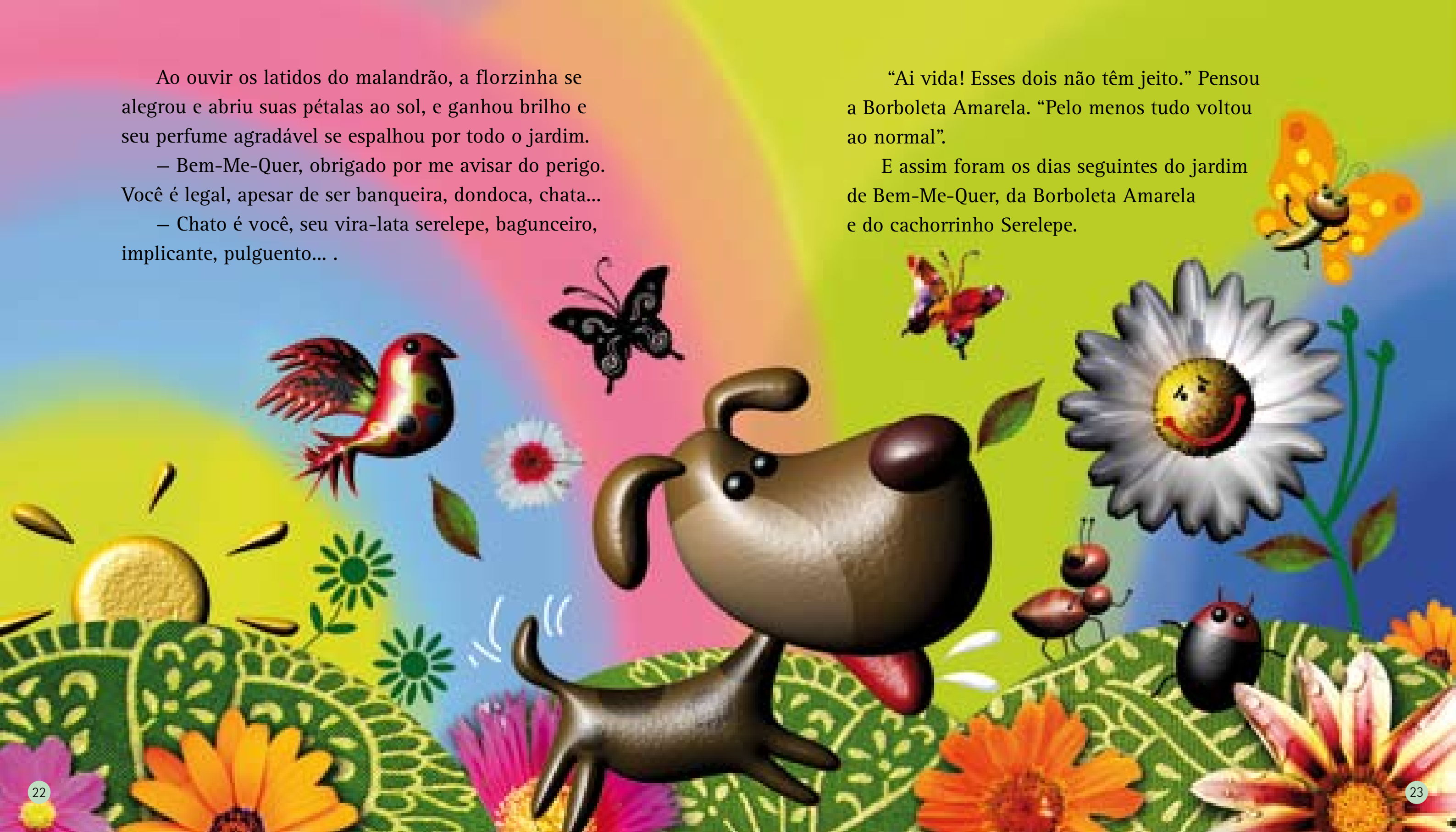
Ao ouvir os latidos do malandrão, a florzinha se alegrou e abriu suas pétalas ao sol, e ganhou brilho e seu perfume agradável se espalhou por todo o jardim.

— Bem-Me-Quer, obrigado por me avisar do perigo. Você é legal, apesar de ser banqueira, dondoca, chata...

— Chato é você, seu vira-lata serelepe, bagunceiro, implicante, pulguento... .

“Ai vida! Esses dois não têm jeito.” Pensou a Borboleta Amarela. “Pelo menos tudo voltou ao normal”.

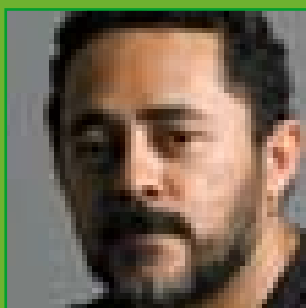
E assim foram os dias seguintes do jardim de Bem-Me-Quer, da Borboleta Amarela e do cachorrinho Serelepe.





Kelsen Bravos

Nasci perto da lagoa da Parangaba, em Fortaleza, Ceará, sou um escritor brasileiro, portanto. Escrevo para crianças, jovens e adultos. Além de escritor, sou professor de língua portuguesa e literatura. Faço parte da Casa do Conto, uma instituição que promove a leitura como inclusão social. Participo como diretor executivo. Respondo pelas capacitações, cultura digital e edição de livros. Já publiquei vários livros; e tenho muitos outros esperando a vez de encontrar você. Minha arte pretende ser um grande encontro entre mundos, os meus e os dos leitores, pois meu maior sonho é conhecer todas as pessoas do mundo. Mas como o mundo tem mais de seis bilhões de pessoas, é bem difícil conhecer todas elas. Por isto escrevo: para encontrar gente através dos meus livros. Deu certo, pois estamos conversando agora. Para continuarmos essa conversa, escreva para kelsenbr@gmail.com.



Carlus Campos

Nasci em Russas, Ceará em 1963. Ainda criança comecei a desenhar influenciado pelos seriados da TV. O desenho, aliás, sempre foi e é minha principal forma de manifestação artística. Em 1987, comecei a trabalhar profissionalmente como ilustrador e caricaturista no jornal O Povo. Nos anos 90, fiz curta incursão pela publicidade e retornei logo a seguir ao jornalismo onde desenvolvo até hoje, dizem, uma apaixonante arte gráfica. Peças publicitárias, livros infantis e artes plásticas também são projetos desenvolvidos por mim atualmente com ênfase na experimentação.